

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

CB
HA

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

ANAIS DO 41.º COLÓQUIO DO COMITÊ
BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

Realização



Organização



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade
Federal de
Uberlândia



UFPEL



UFRRJ UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO


CEFET/RJ

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972

Presidente de Honra (in memoriam) – Walter Zanini

Diretoria (2020-2022)

Presidente – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente – Neiva Bohns (UFPEL)

Secretária – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro – Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios

Comissão Organizadora

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Imagem da capa

Lydio Bandeira de Mello (1929 -), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

CDD: 709.81

Ausência das mulheres artistas na história da arte e o apagamento identitário

Silvana Boone, Universidade de Caxias do Sul
<https://orcid.org/0000-0002-4517-0498>
sboone@ucs.br

Resumo

Este artigo evidencia a ausência das mulheres artistas na história da arte a partir das referências bibliográficas do ensino da arte. A produção editorial do século XX negligenciou a presença feminina frente aos artistas homens sendo verificado o aumento de citações a partir dos anos 2000. Toma-se por objeto inicial a “História da Arte”, de Gombrich e o descaso do cenário editorial que resulta em um apagamento identitário, e chega-se à obra das artistas nórdicas Ejlerskov e Lindahl com a obra *About the blanks pages* (2014), questionando a Editora Taschen sobre a desigualdade entre homens e mulheres na série *Basic Art*, constituindo-se como um apagamento das identidades femininas na história da arte. Também destaca-se o tratamento nominal dado às artistas mulheres, geralmente pelo primeiro nome: Artemísia, Frida, Tarsila frente ao sobrenome dos artistas homens como Dali, Picasso ou Duchamp.

Palavras-chave: Mulheres. História da arte. Identidade. Apagamento.

Abstract

This article highlights the absence of women artists in the history of art from the bibliographic references of art teaching. The editorial production of the 20th century neglected the female presence in front of male artists, with an increase in citations from the 2000s onwards. The initial object is the “History of Art”, by Gombrich and the neglect of the editorial scene that results in an identity erasure, and we arrive at the work of the Nordic artists Ejlerskov and Lindahl with the work *About the blanks pages* (2014), questioning Editora Taschen about the inequality between men and women in the *Basic Art* series, constituting an erasure of female identities in the history of art. Also noteworthy is the nominal treatment given to female artists, usually by their first name: Artemísia, Frida, Tarsila compared to the surname of male artists such as Dali, Picasso or Duchamp.

Keywords: Women. Art history. Identity. Deletions.

Que história da arte teríamos hoje, se fossem retirados dos livros todos os artistas homens, até meados do século XX? Pensar nessa possibilidade pareceria uma atitude preconceituosa ou feminista, num âmbito muito radical, pensando que seria inconcebível banir da história grandes ícones da arte como Da Vinci, Goya, Monet ou Picasso apenas pelo fato deles serem homens. Desconsiderando essa suposta ficção, lamentavelmente, verifica-se uma ausência real e comprovada: a das mulheres artistas. De imediato, reforça-se aqui o termo mulheres por considerar-se, conforme o saber feminista, uma identidade política¹. Tal ausência nessa mesma história da arte, coincide com o protagonismo majoritariamente masculino, também por parte de quem conta a história. Tentar-se-á analisar essas ausências e a invisibilidade da produção feminina na arte sob a ótica das bibliografias especializadas que, até a segunda metade do século XX deixaram de apontar tal presença.

Este artigo tem como objetivo trazer parte dos resultados obtidos no Projeto de Pesquisa “Ausência das mulheres na arte: lacunas na história, na crítica e no ensino da arte”, em andamento na Universidade de Caxias do Sul e que tem sido objeto de investigações ao longo dos últimos anos. Atuando como professora de história da arte e outras disciplinas afins no ensino superior, como arte contemporânea, arte latino-americana e arte no Brasil, percebe-se uma ausência visivelmente significativa no que tange à presença das mulheres artistas nos referenciais bibliográficos que dão suporte aos estudos. Além disso, o debate que se busca aqui é pensar que, essa invisibilidade e omissão do gênero feminino historicizadas na arte, têm o mesmo sentido de apagamento, sob o ponto de vista da exclusão.

A partir de uma investigação bibliográfica nos livros de história da arte - publicados em português, no Brasil, e referências mais específicas, na sua maior parte em literatura estrangeira (objeto de estudo de outra ramificação da pesquisa) – a fim de tornar visíveis as artistas mulheres, principalmente a partir do século XX, percebe-se que a grande lacuna existente nos processos do ensino da arte está no acesso à informação “institucionalizada”, pelas referências bibliográficas históricas que temos e utilizamos, tais como Ernst Gombrich e Giulio Carlo Argan, entre outros autores homens que povoam as bibliotecas universitárias. Na maior parte desses livros, as mulheres não são contempladas como referência de produção artística, enfatizando um mundo da arte descrito sob o ponto de vista masculino. A partir dos anos 2000, começam a aparecer novas publicações, talvez pelo fato de que a sociedade global tenha direcionado a luz a inúmeros estudos sobre gênero, ou pelo fato da expressão “empoderamento feminino” tornar-se recorrente em algumas sociedades e apontar para uma falta histórica grave: onde estavam as

¹ DORLIN, 2021.

mulheres artistas que não foram percebidas pelos historiadores? Ou, se foram percebidas, teriam sido omitidas dos textos de forma deliberada?

O problema começa ainda na base da comunicação oral, quando desde sempre nos referimos aos artistas no gênero masculino, e exaltamos sempre os “grandes mestres da pintura”. Não é do nosso conhecimento a expressão grandes mestras ou grandes gênias da pintura, pois elas foram invisíveis para os historiadores, durante muito tempo.

Partindo da motivação provocadora causada pelo texto da historiadora americana Linda Nochlin (1971), “Porque não houve grandes mulheres artistas?” e suas interlocuções nos últimos cinquenta anos, esta investigação busca apontar caminhos para diminuir as lacunas deixadas pelos historiadores de arte, homens. Considera-se aqui, que o artigo de Nochlin foi o ponto de partida para pensar sobre a invisibilidade das mulheres artistas e não afirmar que não houveram grandes mulheres artistas. Nesse contexto, talvez as considerações da autora, nem sempre compreendidas sobre essa pseudo não-existência seja contundente, quando ela diz que elas não existiram na mesma escala; não que haja um consenso sobre tal afirmação, mas, do ponto de vista da história, tais artistas não existiram porque não estavam visíveis. Considera-se que tal invisibilidade se dá por conta do fato de que os historiadores até as últimas décadas eram em sua maioria, homens, desprovidos da mesma percepção, por assim dizer, feminista no que tange abrir o espaço para as mulheres.

(...) a questão da igualdade das mulheres, na arte ou em qualquer outro campo, não recai sobre a relativa benevolência ou a má intenção de certos homens, ou sobre a autoconfiança ou ‘natureza desprezível’ de certas mulheres, mas sim na natureza de nossas estruturas institucionais e na visão de realidade que estas impõem sobre os seres humanos que as integram².

Concordando com Nochlin, as sociedades do século XX, principalmente a primeira metade, ainda fazem distinção entre homens e mulheres e a ocupação de espaços profissionais pelas mulheres é ainda mínima, mesmo com algumas mulheres manifestando-se de forma vanguardista. Há que se pensar que o avanço das mulheres e do feminismo no último século tornou-se uma bandeira em diferentes esferas, desde o contexto profissional ao pessoal e, segundo Elsa Dorlin, por um lado, há a “historicização de uma relação de poder e, por outro, ao trabalho de conscientização sobre essa relação”³.

Essa discussão se amplia no contexto educacional, cuja referência maior é sempre dada a partir de autores – homens - reconhecidos e que ganharam

² NOCHLIN, 2019, p.12.

³ DORLIN, 2021, p.14.

notoriedade principalmente no século XX evidenciando os seus pares. As mudanças de ponto de vista sobre o espaço das mulheres artistas perpassam diretamente os bancos escolares, em diferentes instâncias e nesse processo, professores e professoras são os responsáveis por incluir ou segregar ainda mais a presença feminina. Destaca-se aqui que não se trata de um discurso meramente comparativo entre homens e mulheres – ou vice-versa – mas de romper com algumas premissas institucionalizadas relativas aos lugares ocupados na sociedade e, por consequência, na arte. Percebe-se por exemplo, que no ensino da arte, nas diferentes instâncias, mesmo que o grupo de professores de arte seja majoritariamente de mulheres, segue-se institucionalizando e replicando os discursos oficiais da história da arte masculinizada que está nas principais bibliografias.

Peço licença para escrever este parágrafo em primeira pessoa: como em todo processo de descoberta ou de redescobertas, me percebi responsável por um processo de mudança de pontos de vista, por ser uma professora mulher, dando aula para grupos majoritariamente de mulheres, possíveis artistas e professoras num futuro não distante, e que, sem consciência até então, continuava replicando o discurso oficial da história da arte contada pelos homens. Assim, há cerca de 10 anos, a partir dos projetos de pesquisa que assumi junto ao doutorado, iniciado em 2009 e, quando, efetivamente assumi um lugar de pesquisadora junto à universidade, busco me redimir das faltas como educadora de arte (e porque não, dos meus colegas – homens e mulheres professores) tentando ampliar a visibilidade das mulheres na arte, a fim de reiterar que esse é um dos caminhos para a multiplicação dos saberes junto aos níveis escolares anteriores à graduação, cuja formação de professores de arte nos compete em cursos de licenciatura e bacharelado em artes visuais. A análise bibliográfica feita até o momento deve-se a tais percepções.

Bibliografia básica-mente masculina

O trocadilho do subtítulo é proposital ao que possa significar os termos básico-mente-basicamente-masculina. Há que se pensar que uma bibliografia básica referencia um conhecimento inicialmente necessário. Mas, partindo do que possa ser básico para uma mente masculina dentro de uma sociedade também patriarcal, a história da arte revela um ponto de vista unilateral. Antes de pensar que possa haver uma justificativa para as lacunas femininas na arte, cita-se o Manifesto Feminista de Nancy Spero, em 1970 dizendo que

As artes, como todas as áreas de atuação, são dominadas pelos homens. Trata-se de um território masculino, governado pelas leis tácitas da supremacia masculina. A arte é sempre vista através das

histórias violentas da hegemonia masculina. Concebida a partir do ego masculino, a arte é masculina⁴.

E se a arte é masculina sob esse viés feminista, lamentavelmente, as publicações de história da arte de maior acesso às escolas e também de muitas instituições de ensino superior são de historiadores homens que privilegiaram, claro, artistas homens, quase que em sua totalidade. Busca-se atentar ao fato de que a maior parte dos livros citados aqui negligenciam a presença feminina na história da arte, ou, minimizam sua importância num processo de exclusão numérica.

Começamos pela análise do livro "História da Arte", de Ernst Gombrich. O livro de Gombrich é um dos livros mais utilizados pela academia e pelo ensino da arte na maior parte do ocidente. Em 688 páginas há uma única artista mulher citada: Käthe Kollwitz (1867 - 1945), contextualizada pelo historiador entre os artistas expressionistas alemães. Particularmente, questiona-se essa citação, considerando que mesmo para os anos de 1950, outras artistas mulheres já tinham muito mais destaque na história da arte do que a artista referenciada. Só esse fato é uma evidência mais do que excludente dos processos de visibilidade feminina na história e percebe-se que não houve a intenção em destacar as mulheres artistas já proeminentes desde a sua primeira edição, em 1950, nem tampouco nas quinze edições subsequentes publicadas. É inconcebível não constar nenhuma artista modernista europeia nas primeiras edições, ou tantas outras já destacadas na segunda metade do século XX nas edições seguintes até a última, em 1999.

O livro ESTILOS, ESCOLAS E MOVIMENTOS, de Amy Dempsey, cuja edição original é de 2002 destaca 105 artistas mulheres, o que representa um grande avanço para o contexto da história da arte no século XX, mas cabe ressaltar uma questão fundamental para o debate aqui proposto: a autoria do livro é de uma historiadora mulher.

O livro UMA NOVA HISTÓRIA DA ARTE, de Julian Bell, publicado originalmente em 2007, são citadas vinte e seis mulheres artistas, o que reflete um olhar um pouco mais amplo sobre as evidências históricas que se têm no início do século XXI.

Na esteira dos livros "rápidos", a partir de nomes, fatos ou palavras-chave verificaram-se os títulos da autora inglesa Susie Hodge (1960): UMA BREVE HISTÓRIA DA ARTE, edição original de 2017, destacadas no texto 16 artistas mulheres e UMA BREVE HISTÓRIA DA ARTE MODERNA, de 2019, com a menção a 64 artistas mulheres. Para o ano de 2022, a autora tem previsto o lançamento do livro BREVE HISTÓRIA DAS ARTISTAS MULHERES, seguindo essa mesma linha editorial. Percebe-se que a autora vai construindo uma nova leitura da história e

⁴ SPERO, 2019.

ampliando sua própria pesquisa ao chegar a uma publicação exclusivamente feminina.

Anterior a esses livros, 501 GRANDES ARTISTAS, de Stephen Farthing, originalmente publicado em 2008 e edição ampliada em 2009 para o Brasil, apresenta 57 artistas mulheres sendo 6 brasileiras Tarsila Do Amaral, Lygia Clark, Anita Malfatti, Beatriz Milhazes, Tomie Ohtake e Adriana Varejão, o que equivale a menos de 12% do total, considerando que as 6 artistas brasileiras foram integradas apenas à edição do Brasil, senão, a porcentagem seria de 10%. Do mesmo autor, TUDO SOBRE ARTE, publicado em 2010, cita 54 mulheres artistas, incluindo a brasileira Tarsila do Amaral.

Buscando um contexto específico dos livros publicados no Brasil, a coleção Folha Grandes Pintores Brasileiros, da Folha de São Paulo em parceria com o Itaú Cultural de 2013, apresentou 28 artistas brasileiros dos séculos XIX, XX e XXI. Entre os 28 exemplares, apenas 5 são mulheres: Anita Malfatti, Tomie Ohtake, Adriana Varejão, Tarsila do Amaral e Beatriz Milhazes. Sem entrar na discussão de mérito dos demais artistas homens ou o eixo curatorial para tais escolhas, cabe o questionamento sobre a ausência de outras mulheres já reconhecidas no cenário brasileiro, como Djanira, Lygia Clark ou Regina Silveira. As indagações poderiam ser feitas da mesma forma que a obra das artistas Ditte Ejlerskov e EvaMarie Lindahl à Editora Taschen, apresentadas na sequência.

Basic art nada básico

Uma obra crítica que evidencia a ausência das mulheres artistas nos referenciais bibliográficos é a obra *About the blanks pages*, das artistas nórdicas Ditte Ejlerskov e EvaMarie Lindahl, de 2014, questionando a Editora Taschen, uma das maiores editoras internacionais sobre arte, a respeito da desigualdade entre o número de mulheres artistas - 5 - em relação ao número de homens - 92 -, na sua série *Basic Art*. As artistas desenvolveram uma pesquisa em quase quatro anos e entregaram uma lista com a sugestão de 100 artistas mulheres que poderiam compor o catálogo da Editora, ao mesmo tempo que questionam as justificativas de obscuridade apontadas pelos editores. A instalação consiste em estantes contendo os livros publicados pela Taschen em meio às supostas biografias a serem publicadas. Foi encaminhada a Taschen a seguinte correspondência:

DE: Ditte Ejlerskov, EvaMarie Lindahl
PARA: Petra Lamers-Schütze, Taschen
ASSUNTO: About: The Blank Pages 23 de abril de 2014 08.45

Cara Dr. Petra Lamers-Schütze, ou a quem possa interessar envolvido com a série Basic Art da Taschen,
Em março de 2010 nós tivemos uma conversa ao telefone sobre a seleção desigual da parte da Taschen dos artistas da série Basic Art.

Você perguntou se nós seríamos capazes de mencionar qualquer artista mulher que nós pensássemos que estivesse faltando. Nós mencionamos algumas que você não reconheceu como candidatas potenciais para a versão da Taschen da história da arte. Nós pelo presente entregamos nossa inteira compilação de quase 100 artistas mulheres faltantes que consideramos qualificadas para a série Basic Art junto aos 92 homens e 5 mulheres já publicados.

Levou-nos quase quatro anos para completar sua solicitação, pois nós queríamos ter certeza de que os fatos fornecidos são adequados e úteis para você. Nosso propósito é destacar a relevância da igualdade em todos os níveis da história da arte. Nós estamos dispostas a argumentar que “erros ortográficos”, seja em qualquer lugar que eles apareçam, são importantes para prestar atenção e corrigir.

Você alega que faltam a você mulheres na história da arte para escolher. Entretanto, você deve admitir que Cindy Sherman, Agnes Martin, Louise Bourgeois e Artemisia Gentileschi não são exatamente artistas obscuras. Elas, é claro, foram adicionadas a nossa lista. Para ilustrar nosso trabalho, nós decidimos introduzir todas as capas dos livros faltantes em uma instalação, onde todos os artistas são apresentados com uma capa brilhante, ambos publicados e não publicados, ambos homens e mulheres, alguns não publicados e ainda não escritos. Agora nós esperamos pela sua expertise para preencher as páginas em branco com conteúdo. Em estreita comunicação com artistas, acadêmicos, historiadores da arte, críticos da arte e livreiros, a série Basic Art está agora verificada quanto a erros e nós pelo presente enviamos a lista de volta a você para sua correção.

Na esperança de uma futura colaboração.

Sinceramente,

Ditte Ejlerskov & EvaMarie Lindahl⁵

A pesquisa feita pelas artistas não só questiona o posicionamento da editora como também resulta numa compilação genuína de cem artistas mulheres com produção comprovada no que tange à qualidade e reconhecimento estético. Cabe ressaltar que a instalação que resulta desta pesquisa tem circulado pelo mundo, de forma a dar visibilidade não somente às artistas, mas à omissão da editora, deliberada, a partir do reconhecimento dado pelas pesquisadoras, não havendo mais uma justificativa para tal apagamento da história contada pelos livros de arte.

Sobre o tratamento informal dado às artistas mulheres

⁵ <https://www.evamarielindahl.com/about-the-blank-pages/> acessado em 20/01/2022, e conforme tradução apresentada na exposição Histórias das Mulheres Histórias Feministas, 2019.

Finalizando este breve relato para o momento, destaca-se o tratamento nominal dado às artistas mulheres, quase sempre de forma diversa aos homens: o nome dos artistas é sempre uma referência a períodos históricos, movimentos e dessa forma, sempre destacamos o sobrenome para sua identificação maior, tal como fazemos com teóricos ao apontarmos suas referências. Mencionar Van Gogh, como Vincent, ou Rivera, como Diego, seria muito genérico, ou poderíamos estar falando de qualquer homem fosse ele um artista ou um jogador de futebol, situados em outros contextos. Marcel, Raoul, Francis, Constantin, René, Alberto, John, Kurt, Piet, Pablo, Jackson, Henri ou tantos outros, não são identificados como os grandes artistas que conhecemos se o seu sobrenome não chegar antes. Porém, ao destacarmos as mulheres artistas, as identificamos pelo primeiro nome, e isso não é percebido pela maioria como uma violência de gênero, que aqui pretende-se se referir. A informalidade no nome das artistas, infelizmente, também é um fato que se constitui como um apagamento das identidades femininas, uma “delicadeza” proposital na sua identificação a partir do primeiro nome: Frida, Tarsila, Anita, Lygia, Mira, Georgia, Yoko, Anni, como se fossem nossas conhecidas e não Kahlo, Amaral, Malfatti, Pape ou Clark, Schendel ou O’Keefe, tal a referência histórica atribuída aos homens.

Assim, parece que essa hegemonia masculina só pode ser minimizada com a atuação de mulheres historiadoras e críticas que evidenciem o espaço ocupado pelas mulheres artistas e, felizmente, constata-se, no decorrer dos últimos anos são ampliadas as bibliografias em língua inglesa publicadas e editadas, geralmente por mulheres historiadoras e críticas de arte.

Buscando 50%

Antes de finalizar este excerto de uma pesquisa que ainda parece ser embrionária para um contexto mais amplo da história da arte em movimento, e buscando mudar gradativamente as estatísticas das referências bibliográficas, quem sabe buscando a paridade idealizada dos 50% entre homens e mulheres artistas citados, sem necessariamente depender do olhar de historiadoras mulheres, destaca-se novamente a posição de Nochlin, sob a concepção que as mulheres devem ter de si:

Desta maneira, mulheres e sua situação nas artes, assim como em outras áreas empreendidas, não são uma questão a ser vista pelos olhos de uma elite dominante masculina. Em lugar disso, as mulheres devem se conceber potencialmente - se não efetivamente - como sujeitos iguais, e devem estar dispostas a olhar para os fatos de sua condição cara a cara, sem vitimização ou alienação. Ao mesmo tempo, devem ver sua situação com um alto grau de compromisso emocional e intelectual, necessário para criar um

mundo no qual a igualdade de conquistas não seja apenas possível, mas ativamente encorajada pelas instituições sociais⁶.

Ao analisarmos a arte contextualizada histórica e socialmente, percebemos que a visibilidade feminina depende de um pensamento paritário, desprovido de preferências de gênero. As sociedades patriarcais foram sendo questionadas ao longo do século XX e se, não podemos afirmar que os historiadores não agiram de forma deliberada, mas seguindo os protocolos sociais de exclusão feminina, podemos apontar os holofotes para o passado e garantir que a história seja contada sob um prisma mais igualitário. Este artigo aponta que, para essa igualdade, ao menos até aqui, foi preciso que historiadoras mulheres tomassem a frente de publicações e de manifestações críticas para dar a devida visibilidade à produção das artistas mulheres.

Referências

ARGAN, Giulio Carlo. *Arte Moderna*. Cia das Letras, São Paulo, 1993.

BELL, Julian. *Uma nova história da arte*. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

DEMPSEY, Amy. *Estilos, escolas e movimentos: guia enciclopédico da arte moderna*. 2. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

DORLIN, Elsa. *Sexo, gênero e sexualidades - introdução à teoria feminista*. São Paulo: crocodilo/Ubu Editora, 2021.

FARTHING, Stephen. *Tudo sobre a arte*. Rio de Janeiro: Sextante, 2010.

_____. *501 grandes artistas*. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

Folha Grandes Pintores Brasileiros. São Paulo: Folha de São Paulo/ Itaú Cultural, 2013.

GOMBRICH, Ernst Hans. *A história da arte*. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

HODGE, Susie. *Breve história da arte*. São Paulo, Gustavo Gili, 2018.

HODGE, Susie. *Breve história da arte moderna*. São Paulo, Gustavo Gili, 2019.

NOCHLIN, Linda. *Por que não houve grandes mulheres artistas?* Trad. Juliana Vacaro, autorizada pela autora. São Paulo: Edições Aurora/Publication Studio SP, 2016.

SPERO, Nancy. Manifesto feminista. In PEDROSA, Adriano(org.). *Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand História das mulheres, histórias feministas: vol. 2 antologia*. São Paulo: MASP, 2019.

⁶ NOCHLIN, 2016, p.10-11.

Como citar:

BOONE, Silvana . Ausência das mulheres artistas na História da Arte e o apagamento identitário. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p. 223-232, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.018>
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>